

IMPrensa, CRIANÇA E SOCIEDADE:

A revista *Infância* e a Cruzada Pró Infância.

PRESS, CHILD AND SOCIETY:

The magazine *Infância* and the Cruzada Pró Infância.

Olga Brites*

RESUMO.

Este artigo destaca a importância da Cruzada Pró Infância e da revista *Infância* para a discussão sobre a Imprensa brasileira. A instituição e o periódico abordaram especialmente cuidados com a infância e a gestante. A revista inclui informações sobre a criança pobre e os cuidados de saúde e educação que ela deveria receber.

PALAVRAS-CHAVE

Cruzada Pró Infância – Revista *Infância* – Brasil (anos 30) – Imprensa brasileira.

Quando se evoca a comemoração dos 200 anos da imprensa no Brasil, pensa-se geralmente nos veículos de grande circulação, sem considerar uma série de publicações que tiveram e têm como objetivo divulgar o trabalho de instituições, que produzem materiais impressos para apresentar suas intenções, num diálogo permanente com órgãos da grande imprensa e que atuam a fim de dar visibilidade a projetos e afirmar a importância social dessas instituições¹.

Este é o caso da Cruzada Pró-Infância, que existe desde 1930 em São Paulo, e publicou, em setembro de 1933, sua primeira revista denominada *Infância*, tendo como editor chefe o Dr. F. Pompêo do Amaral, médico que atuava como profissional dedicado ao estudo da criança.

Desde a primeira publicação, seu formato já indica uma diferença fundamental em relação à grande imprensa, pois seus artigos são escritos por vários médicos conceituados que atuam na área de saúde da criança, os quais escrevem também sobre os cuidados com a mãe gestante, evocando uma prática que está ligada à prevenção de doenças no presente e no futuro, numa superação do passado que coloca em risco a vida das crianças. No entanto, a Cruzada Pró-

Infância mantém uma estreita relação com a imprensa, pois seu acervo possui recortes de jornais da grande imprensa que divulgavam suas atividades.

A revista é mensal, não só distribuída através de assinaturas anuais, mas também adquirida de modo avulso. Há um apelo para que se pague adiantadamente, justamente para se garantir a publicação de seus vários números.

O mensário apresenta sua disponibilidade na relação com anunciantes, indica a presença de agentes que devem ser procurados para encaminhar as negociações com esses possíveis anunciantes, solicita ainda que leitores enviem artigos, que serão submetidos à avaliação da revista para serem publicados.

A redação e administração situam-se no Edifício Martinelli (outubro de 1936), no centro da cidade de São Paulo, evocado freqüentemente para relembrar um centro que projeta e movimenta a vida na cidade. Ainda neste número da revista, a Instituição é lembrada porque acolhe crianças nacionais e estrangeiras, brancos e negros, e não exclui aqueles que não possuem o Catolicismo como religião.

Na primeira página de *Infância* (setembro de 1936), há textos que revelam intenções da revista, bem como afirmam a ação de mulheres e sujeitos empenhados em fazer a instituição crescer, divulgando suas atividades, na criação, por exemplo, de postos de saúde.

A intenção do mensário é cobrir o cotidiano de vida da criança que passa pelo aleitamento materno, pelo lazer, pela presença das crianças nos parques infantis da cidade, pela atuação cotidiana dos médicos na vida da criança, pela presença materna como auxiliar dos médicos nos cuidados com a criança, pelo uso mais adequado de roupas. Há inclusive moldes de roupas que podem ser confeccionadas pelas mães (dezembro de 1936). Aproveita-se para divulgar propagandas de lã “Filhinha”, marca sugestiva que evoca uma experiência social feminina a ser realizada no cotidiano de suas ações.

A questão do aleitamento materno aparece como atividade fundamental, já que se observam mulheres de camadas mais privilegiadas socialmente e que, por questões estéticas, não desejam amamentar seus filhos e, por outro lado, a mulher operária tem um dia de trabalho intenso, que rouba seu tempo no cuidado com as crianças.

É um periódico mensal que acompanha as comemorações da Semana da Criança, dividindo as atividades em: Dia da Elevação Espiritual, Dia da Raça, Dia da Criança, Dia do Lactante, Concurso de Robustez Infantil. A revista *Infância* divulga, neste último caso,

resultados, publica os nomes dos membros da Comissão Julgadora, a premiação e também os classificados no concurso (outubro de 1936). Há ainda a divulgação do Dia da Criança Hospitalizada e do Dia da Criança que Trabalha. Há propaganda aconselhando o consumo dos Biscoitos Gelco – a garantia da raça: acompanhando uma discussão presente naquele momento, a propaganda também é parte constitutiva de valores e procedimentos.

A revista serve como publicação de resultados dos vários serviços oferecidos pela Cruzada Pró-Infância, tais como a Higiene Pré-Natal, o Exame médico Geral, a Higiene Infantil, o Serviço de Sífilis, Higiene Escolar, Otorrinolaringologista, Educação Sanitária, Gabinete Dentário, Serviço Social. Além disso, quantifica, por exemplo, os casos de Higiene Infantil, que totalizaram 442 matrículas, 343 consultas, 14 encaminhamentos e 59 atendidos (Abril de 1936).

Também se divulgam, através de propaganda, os diversos médicos da cidade dedicados ao acompanhamento da mãe e dos cuidados com a criança (abril de 1936). Há ainda anúncios de parteiros, médicos da própria Cruzada Pró-Infância, especialistas em pele e sífilis, Higiene Pré-Natal, “moléstia das senhoras”, além de divulgação dos endereços, o centro da cidade (Praça da Sé, Rua Santa Efigênia, Barão de Itapetininga, Rua General Jardim), lugares privilegiados de atuação destes especialistas.

A revista nos apresenta o cenário de situações bem sugestivas, mãe amamentando filho e criança ainda bebê aparecem freqüentemente em sua capa, podemos encontrar ainda moldes de vestidos para meninas, propaganda das grandes lojas que oferecem produtos para a família ou, mais especificamente, para o bebê. É o caso do anúncio publicado na página 9, da revista de agosto de 1935, denominado em letras que se destacam em negrito:

“Para o Bebê, estojos com colher e pá. Canecas, pratos, chocalhos. Estojo com talheres, com tigella e colher, etc. Em Prata de lei ou Prata Princesa Mappin & Webb, Rua 15 de novembro, 24 São Paulo”.

Anúncios deste tipo evocam o consumo mais sofisticado de setores da população, bem como pretendem sofisticar o consumo das camadas mais pobres, evocadas freqüentemente pela revista.

Os colaboradores da revista revelam qual deve ser o perfil a ser construído pelo mensário, atuando na Educação, com o intuito de cuidar da saúde da criança pobre na cidade de São Paulo. O que avaliam como pobreza? O Dr. Almeida Junior dá indícios de como a pobreza é vista, divulga no primeiro número de *Infância* (set. 1933) uma pesquisa desenvolvida em grupos

escolares em 1921, traduzindo assim esta prática: conversando com muitos alunos de escolas públicas na cidade de São Paulo, verificando as lancheiras dos mesmos e encontrando uma alimentação pobre em vitaminas, evidenciando que há crianças que nada levavam como lanche². Neste sentido, diagnostica a fome como prática entre famílias de crianças pobres. Divulgar isso, como pesquisa científica, dá credibilidade às suas formulações, refere-se a uma escola pública onde convivem ricos e pobres, bem diferente do que observamos hoje.

Há no primeiro número da revista *Infância* (set. de 1933) a apresentação de programas e objetivos que orientarão a existência da revista: Infância sadia e causas gerais da mortalidade infantil.

Através de tais programas, podemos visualizar os propósitos e concepções a respeito da infância, bem como indicar uma percepção da criança voltada ao desempenho útil no futuro capaz de garantir um trabalhador produtivo e isso fica evidente na seguinte afirmação:

“Uma infância sadia é um prelúdio natural para uma mocidade vigorosa, uma garantia para o cumprimento integral da tarefa que cabe ao homem no trabalho universal. É uma reserva de energias em potencial para o futuro”.

Na revista, a infância é pensada sob a perspectiva de sua gestação no ventre materno, daí a importância de acompanhamento médico da mulher grávida. Os cuidados com a infância atingem ainda crianças maiores, em idade escolar entre 7, 8 anos.

Essas ações não começam como atividade isolada da Cruzada Pró-Infância e de sua revista, pois estão articuladas com discussões desenvolvidas nos anos 30, no Brasil e fora dele, servindo de referência para a instituição da Cruzada Pró-Infância e para o mensário. É o caso da Convenção de Genebra. Assim o mensário se pronuncia deixando transparecer suas articulações:

“É mister que a gestante, que está cumprindo um dever para com a Nação, sejam assegurados direitos como o declarou a Convenção de Genebra em 26 de setembro de 1924”. (Diário de São Paulo – suplemento Saúde – fevereiro de 1981).

Como podemos verificar, estas preocupações já existem desde os anos 30, estão sintonizadas com projetos que existem fora do Brasil.

A referência a Genebra é retomada na apresentação do Programa da revista, conforme se expressa Pérola Byington à frente da direção da Cruzada Pró-Infância, quando é evocada a presença de mulheres paulistas, sintonizadas com perspectivas de educar e assistir às famílias mais pobres da cidade:

“Com este novo órgão, a Cruzada Pró-Infância visa a disseminar a experiência conseguida e ensinamentos de todos os médicos, higienistas e educadores, que lutam para a constituição de uma raça forte, de que nos possamos orgulhar futuramente”.

A lembrança da raça forte está em sintonia com projetos eugenistas, valorizados nos anos 30. Já no primeiro número da revista este propósito é anunciado no artigo do Dr. Moraes Barros Filho:

“Assim já pensava Lycurgo, legislador de Sparta, nos tempos remotos. Este legislador fazia questão da eugenia da raça”.

Não se trata de discutir a viabilidade de seus recursos retóricos, apelando para Esparta, mas sim de pensar no uso que é feito no presente destes argumentos. Esparta é evocada como exemplo de civilização. Assume-se a separação entre nós e eles, afirmando a Educação destas crianças para atender a expectativa que profissionais, poder público e especialistas esperam destes sujeitos.

A revista *Infância* contribui para a efetivação do poder médico na cidade de São Paulo como prática política dos anos 30. Estes profissionais desejam afirmar-se como sujeitos que intervêm no espaço público, sugerindo propostas embasadas em conhecimentos técnicos e científicos e por isso inquestionáveis.

Há uma seção que corresponde à publicação de fotos de crianças e que se mistura à edição de grandes revistas como *Vida Doméstica*, *O Cruzeiro* e *Fon Fon*. Assim, revela articulações, um modo de fazer a revista que não é exclusivo dela, uma concepção de infância que passa pelos diferentes órgãos da imprensa. Nesse sentido estão sintonizados, construindo uma memória da criança e do adulto que se deseja.

O Prof. Willelm Stekel tem espaço na revista *O Cruzeiro*, com artigo traduzido pelo Dr. Martinho da Rocha Junior, de 26 de outubro de 1929. Assim, evidencia-se mais uma vez a sintonia com projetos internacionais, que dá prestígio às ações valorizadas.

Exercícios físicos são recomendados passo a passo na revista *Infância* de 25 de março de 1933, assim se tornando um veículo que informa e orienta, além de sugerir como os exercícios devem ser feitos. Este caráter pedagógico pretende transformar procedimentos inadequados em relação à mulher e à criança, incentivar práticas como a de costurar, cuidar do enxoval do bebê até a confecção de roupas para crianças mais crescidas.

Ter acesso às informações que transformam práticas é um objetivo da revista *Infância*. É fundamental destacar a preocupação da Cruzada Pró-Infância com os mais pobres pois, pensando neles, os médicos elaboram artigos, desenvolvem argumentos, apresentam formas de ser e viver da pobreza, afirmadas pela ausência de higiene e de práticas saudáveis, enfatizam a necessidade do banho diário como prática da higiene infantil, apontam precariedades quando há o uso coletivo de banheiros por várias famílias, fazem uma referência aos cortiços da cidade, ao vestuário precário, à escassez de roupas (daí, o uso constante de peças que se sujam e que precisam ser lavadas com frequência), à ausência de sapatos. Quando, no entanto, a revista publica fotos individuais de crianças, não são estas que se destacam, e sim aquelas desejadas: há toda uma produção que envolve roupas, adereços, filiação, prática muito semelhante à de *Vida Doméstica, Fon-Fon, O Cruzeiro*(3)

Refletir sobre o número mensal publicado significa perceber suas articulações com outras revistas, com jornais de grande circulação e com políticas públicas do período, reafirmando a vida familiar desejada, pela escola, pelas instituições. As práticas desenvolvidas estão em sintonia com a construção de parques infantis na cidade de São Paulo, sejam aqueles construídos pela Cruzada Pró-Infância e aqueles edificadas pelo poder municipal no período em que Mario de Andrade dirigiu o Departamento de Cultura.

Para expandir os resultados colhidos através da Cruzada Pró-Infância, há o contato com outras instituições federais e estaduais (Out. de 1936). O Conselho Nacional de Assistência e Proteção aos Menores é lembrado e congrega instituições voltadas para a questão em nível nacional.

Em fevereiro de 1980, há um *Suplemento Especial do Jornal do Imigrante*. O que significa um *Suplemento Especial do Jornal do Imigrante*, dedicado à comemoração dos cinquenta anos da Cruzada Pró Infância? É uma publicação que permite ao pesquisador observar como o suplemento vê a Instituição e como ela deseja ser vista, no passado e no presente.

No suplemento, em destaque de primeira página, há a foto de Pérola Ellis Byington, como fundadora da instituição e uma criança pequena para quem ela dirige seu olhar, numa postura que afirma carinho e proteção. Novamente, a Convenção de Genebra de 1924 é lembrada, destacando como ela vê os Direitos da Criança. É, portanto, com base nela que a Cruzada Pró-Infância encaminha suas ações. Desta forma, a instituição ganha maior peso na justificativa de sua existência.

Na página 2 do jornal, Suplemento do Jornal do Imigrante, há uma manchete que permite visualizar a relação com o tempo histórico em que os idealizadores da Cruzada Pró-Infância e sua equipe de apoio defendem, reproduzo a seguir a manchete para uma melhor avaliação dos leitores:

“O ontem – que é o hoje – o hoje que será o amanhã – da Cruzada Pró-Infância – na visão de sua presidente Maria Antonieta de Castro”.

Há um retrato de Maria Antonieta em 1930 e outra foto tirada em 1980, de corpo inteiro. A foto, a manchete e o texto sugerem anos de muita dedicação de Antonieta de Castro, uma vez que é a comemoração de seus cem anos. Há uma sugestão de um tempo contínuo que não é interrompido nos propósitos de suas ações, uma vida longa de serviços prestados aos mais pobres, serviços que continuarão no futuro. Passado, presente e futuro estão em sintonia com os propósitos anunciados pela revista.

A diretoria da Cruzada Pró-Infância é constituída por mulheres e um Conselho de Administração que inclui também a presença masculina.

Em diferentes momentos, órgãos da grande imprensa defendem a atuação das mulheres paulistanas identificadas com progresso e desenvolvimento, evocadas para reafirmar a memória bandeirante da cidade de São Paulo (Jornal *O Estado de S. Paulo*, setembro de 1942), por ocasião da fundação da Legião Brasileira de Assistência, e a ação de Anita Silveira Costa, mulher do interventor Fernando Costa, seguindo prática política de valorizar ações assistencialistas e identificação com poder público dominante.

Há uma concepção de História que apresenta a Cruzada Pró-Infância em 1930, quando ela era “uma comissão de Combate à mortalidade Infantil”, integrada à Associação de Educação Sanitária, à procura por Pérola Byington, conhecida pela projeção que obtinha na prática assistencialista, e que doou prédio da família à instituição. Também o leite distribuído pela entidade vinha da fazenda da família.

Divulgam-se na revista *Infância* os diferentes setores criados como, por exemplo, os serviços de Higiene Infantil, Pré-Escolar, entre outros. Mudança de prédio e patrocínios são destacados.

Como resultado dos trabalhos desenvolvidos, a Cruzada Pró-Infância funda em 1931 o parque infantil D. Pedro, “uma escola de saúde”. Também ali, aparece uma biblioteca infantil.

Associa-se assim a muitas práticas desta natureza existentes na cidade de São Paulo, sua trajetória em diferentes períodos históricos e vários locais da cidade evidenciam assim que projetos como este crescem em vários locais que se desdobravam, em instituições como creches, por exemplo.

Na edição do Suplemento, *Jornal do Imigrante* muitas fotos são publicadas como forma de dar visibilidade aos projetos desenvolvidos, que, com o texto, afirmam a grandeza da Cruzada Pró-Infância. Publicam-se fotos de profissionais empenhados nos cuidados com as crianças, em trajés apropriados para evidenciar o empenho profissional: o médico aparece com seu avental, mulheres de branco e adereço que cobre os cabelos, numa sintonia com práticas higiênicas adequadas, berçário onde os bebês aparecem enfileirados, olhados pelas profissionais que riem e olham os bebês num gesto que evoca carinho e cuidado. E o Hospital Pérola Byington é evidenciado como maior obra da Cruzada, dando visibilidade a seus diferentes setores de atendimento à mãe.

O jornal *Correio Paulistano*, de 7 de junho de 1942, traz os problemas sofridos por zonas rurais com o elevado índice de mortalidade infantil nessas regiões, com apelo à criação de um Departamento rural da Cruzada Pró-Infância. O artigo dá espaço para o pronunciamento do Dr. Valdomiro de Oliveira, diretor do Serviço de Enfermagem do Estado de São Paulo. As mulheres auxiliam na prevenção contra criminalidade, assistência aos “menores”, em nome do saneamento social, evitando contato com pais “degenerados”, responsáveis por promiscuidade, fome e doenças.

Um editorial de dezembro de 1936 da revista *Infância* assim se pronuncia:

“Que os ricos acudam às crianças que não têm pai nem mãe; adotem-nas; dêem-lhes conforto e instrução; vistam-nas, não com os trapinhos ordinaríssimos que, às vezes, enviam às casas de caridade convencidos de que são de uma generosidade espantosa, mas com tecidos fortes e agasalhadores, cubram-nas, não com estes cobertores ralos e infames que parecem aumentar o frio em vez de o combater, mas com espessas lãs, e ponham dinheiro e abundância à disposição das senhoras que lhes dão a conhecer essa coisa sublime, que é o afago da mulher, para que ellas possam alargar o círculo da sua actividade benemérita.”

Assim, percebemos que Plínio Barreto, que assina a matéria, fale em nome de uma assistência qualificada que deve ser construída, como aquela institucionalizada da Cruzada Pró-Infância.

A publicação também registra relatórios feitos pelo Dispensário Central e seus diferentes departamentos como: Higiene Pré-Natal, Exame Médico Geral, Higiene Infantil, Serviço de Sífilis, Higiene escolar, Otorrinolaringologia, cozinha Dietética, Gabinete Dentário. Os números destacam os procedimentos, mês a mês. A casa maternal também tem dados revelados. Assim, a Cruzada torna suas ações claras e transparentes, mostrando eficiência, racionalidade de ações.

O Dia da Criança representa para vários órgãos de imprensa ocasião para valorizar práticas públicas e particulares, tendo em vista a prevenção de doenças infantis e combate à mortalidade infantil. Foi a Cruzada Pró-Infância que instituiu a Semana da Criança. A Educação Física feminina é valorizada como prática que está em sintonia com a saúde da mulher e da criança (*O Estado de S. Paulo*, 13 de outubro de 1936).

A vida de rua é condenada quando se propõem os cuidados da infância pobre, uma tentativa de evitar “crimes” na vida adulta é evocada.

Na primeira capa da revista, aparece o desenho de criança vivendo situações diferenciadas, segurando bota de papai Noel (dez. de 1936), logo em seguida, há um sumário que indica artigos do número da revista, paginação, e a revista aparece como órgão oficial da Cruzada Pró-Infância. Isso faz com que sejam registrados ali relatórios de atividades desenvolvidas, destacando a importância da instituição para a vida das crianças na cidade de São Paulo.

Há ainda uma preocupação com a alimentação mais adequada da criança. Diante disso, a revista indica cardápio, com coluna assinada pelo Dr. Dr. Luiz Splendore, a qual passou a ser publicada a partir de Setembro de 1935 (agosto 1935, n. 4).

Através de Decreto nº 6991, de 27 de Fevereiro de 1935, a Cruzada é considerada instituição de utilidade pública pelo governo do Estado. Assim, observamos como a Cruzada Pró-Infância vai se tornando instituição de caráter público.

Fazem parte ainda dos artigos da revista a sessão Cinema Infantil e a Estante Infantil, com as indicações de filmes e livros mais adequados para a criança. O tratamento correto de crianças diz respeito ao bebê e às mais crescidas, em fase escolar.

Há a necessidade de se aprofundar a pesquisa sobre a revista *Infância*, com a verificação mais atenta de seus projetos, sessões, tipos de leitores e ainda observar publicações de outros periódicos do mesmo período com intenções próximas, para que se possa aprofundar o entendimento do tema em questão.

Vários textos têm surgido e deverão contribuir para a discussão entre História e Imprensa. Dentre tantos, cito alguns que servirão como reflexão teórico metodológica para esta pesquisa.

(4)

* É Doutora em História pela PUC/SP e leciona na graduação e na pós-graduação em História da mesma instituição.

¹ BRITES, Olga. *Imagens da Infância (São Paulo e Rio de Janeiro, 1930 a 1950)*. Tese de Doutorado em História, defendida na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: digitado, 1999.

² Estudos sobre padrões de vida dos pobres foram realizados na década seguinte, como se observa nos livros: SILVA, Zélia Lopes da. *A Domesticação dos trabalhadores nos anos 30*. São Paulo: Marco Zero/CNPq, 1990. DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo. *Vida fora das fábricas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

³ BRITES, Olga – “Retratos de Infância: Infância História e Fotografia: São Paulo, nos anos 30” IN *Outras Histórias: memórias e linguagens*. (organizadores) MACIEL, Laura Antunes, ALMEIDA, Paulo Roberto de, KHOURY, Yara Aun. São Paulo: Olho d'Água, 2006.

⁴ CRUZ, Heloisa de Faria. São Paulo, em papel e tinta periodismo e vida urbana 1890-1915. São Paulo, EDUC/FAPESP, 2000.

SILVA, Marcos A. da – *Caricata República – Zé Povo e o Brasil*. São Paulo. Marco Zero/CNPQ, 1990.

MACIEL, Laura Antunes – *Produzindo Notícias e Histórias: algumas questões em torno da relação telégrafo e imprensa – 1880/1920*. IN : *Muitas Memórias, Outras Histórias org.* FENELON, Déa Ribeiro, MACIEL, Laura Antunes, ALMEIDA, Paulo Roberto de, KHOURY, Yara Aun, São Paulo, Olho d'água, 2004.